



MAPEAMENTO DAS CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RN (2012-2015): ANÁLISE DO PERFIL E DA ESPACIALIDADE DA VITIMIZAÇÃO.

Thadeu de Sousa Brandão

Sociólogo, Mestre e Doutor em Ciências Sociais, docente do Departamento de Ciências Humanas da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) e Coordenador do OBVIO RN (Observatório da Violência do RN). E-mail: thadeu@ufersa.edu.br Endereço: Rua Professora Mitzi Mendonça, 329, Rincão. CEP. 59630-440. Mossoró-RN.

Ivenio Dieb Hermes

Arquiteto e Urbanista, membro sênior do FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública), discente do Programa de Pós-graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) e Coordenador de Pesquisa do OBVIO RN (Observatório da Violência do RN). E-mail: ivenio.hermes@gmail.com Endereço: Rua Praia de Pititinga, 9112, Ponta Negra CEP. 59092-350. Natal-RN.

Iara Mariana de Farias Nóbrega

Jornalista, Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) e Pesquisadora Associada do OBVIO RN (Observatório da Violência do RN). E-mail: nobrega_i@hotmail.com Endereço: Rua Juvenal Lamartine, 43, Centro. CEP. 59600-155. Mossoró-RN.

Cindy Damaris Gomes Lira

Licenciada e Bacharela em Enfermagem, discente do PPGCTI (Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologia e Instituição) da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) e pesquisadora do OBVIO (Observatório da Violência do RN) E-mail: cindydamarislira@hotmail.com. Endereço: Av. Francisco Mota, 2201, Costa e Silva. CEP 59.625-300. Mossoró-RN

Higo da Silva Lima

Jornalista, Especialista em Estratégias de Comunicação em Redes Sociais e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Pesquisador do OBVIO RN (Observatório da Violência do RN). E-mail: higo lima@yahoo.com.br Endereço: Rua Antônio Alcivan Alves Da Silva, 552, Planalto 13 de Maio. CEP: 59631485. Mossoró-RN.

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Thadeu de Sousa Brandão, Ivenio Dieb Hermes, Iara Mariana de Farias Nóbrega, Cindy Damaris Gomes Lira y Higo da Silva Lima (2018): "Mapeamento das condutas violentas letais intencionais no RN (2012-2015): análise do perfil e da espacialidade da vitimização", Revista Caribeña de Ciencias Sociales (julio 2018). En línea:

//www.eumed.net/rev/caribe/2018/07/condutas-violentas-letais.html

Resumo

O presente artigo traz um estudo da violência com análises criminais de complexidade, utilizando a ferramenta estatística analítica como meio de ampliar o argumento subjetivo para revelar as características essenciais das vítimas, suas origens, o lugar onde foram vitimadas e outros aspectos fundamentais para se entender o processo da violência que termina em mortes matadas da população nascida, de passagem e/ou residente no Rio Grande do Norte, durante um período de 4 anos (2012 a 2015). As mortes causadas pela conduta violenta letal intencional são contabilizadas pela Metodologia Metadados utilizadas pelo Observatório da Violência do RN, interpolando diversas fontes, que juntas, mapeiam de forma concatenada os números dessa violência.

Palavras-chave: CVLI, Metodologia Metadados, Mortes Violentas, Análises Criminais de Complexidade, Rio Grande do Norte.

Abstract

This article presents a study of violence with criminal analysis of complexity, using the analytical statistical tool as a means to extend the subjective argument to reveal the essential characteristics of the victims, their origins, the place where they were victimized and other fundamental aspects to understand the a process of violence that ends in killed deaths of the population born, passing through and / or resident in Rio Grande do Norte, over a period of 4 years (2012 to 2015). Deaths caused by intentional lethal violent conduct are accounted for by the Metadata Methodology used by Violence Observatory of the RN, interpolating several sources, which together map the numbers of this violence in a concatenated manner.

Key words: CVLI, Metadata Methodology, Violent Deaths, Criminal Analysis of Complexity, Rio Grande do Norte.

1. Introdução

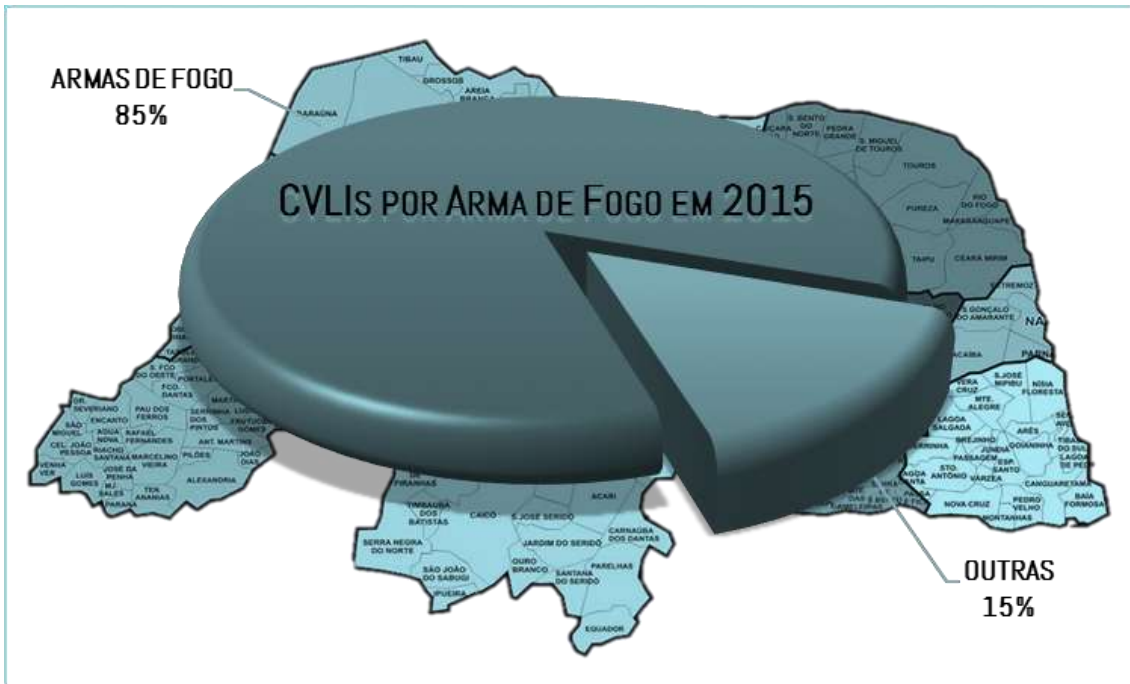
O presente estudo, fruto de um amplo relatório de pesquisa realizado pelo Grupo de Pesquisa Observatório da Violência do RN, Instituto Marcos Dionísio Medeiros Caldas, procura trazer o mapeamento das CVLIs (Condutas Violentas Letais Intencionais) do Rio Grande do Norte, durante o quadriênio de 2012 a 2015, apontando o perfil vitimológico das mortes violentas e sua espacialidade.

O homicídio é o grande medidor da violência em países como o Brasil. Isto ocorre devido a denominada “mancha negra” (black spot), ou seja, a brutal subnotificação de registros de outras modalidades de crimes faz com que o homicídio seja o mais notificado e o usualmente utilizado mundialmente para comparar cifras de violência (ADORNO, 1998; 2002). O presente estudo optou por utilizar uma metodologia que permitiu o uso de várias bases de dados (denominada de plataforma multiforme), como o DATA/SUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde) (Brasil, 2018), além de fontes como o ITEP (Instituto Técnico e Científico de Polícia do RN) e dados de blogs e da imprensa local, permitindo um grau altíssimo de confiabilidade e de checagem (HERMES, 2014).

O perfil das vítimas de homicídio no RN vem sendo o mesmo há pelo menos duas décadas: homens, jovens, pobres, pardos e negros, mortos por armas de fogo (com calibres cada vez maiores), com pouca escolaridade e desempregados ou trabalhando em ocupações subqualificadas. Uma juventude exposta à violência que é vitimada e também vítima (SOARES FILHO, 2007). Conforme aponta a grande “mídia” e seus vulgarizadores nas redes sociais, o volume maior de casos de violência que chegam à população são os casos de crimes contra o patrimônio (roubos, assaltos, furtos, etc.), assim como o tráfico de drogas ilícitas. Devido a isso, a população clama mais presença policial ostensiva. Ao olhar para os crimes contra a vida, porém, o quadro é bárbaro e, infelizmente, negligenciado (PERES, CARDIA, MESQUITA, SANTOS, ADORNO, 2008; PERES, SANTOS, 2006).

Uma parte significativa destas mortes é “desconhecida”. São execuções, em geral através do uso de arma de fogo que seguem uma mesma dinâmica. O vácuo é exemplar: mata-se impunemente, ou quase isso; mata-se um tipo (ideal tipo weberiano) específico de sujeito e quase sempre da mesma forma. Mas, isso não é apanágio deste rincão. Parte significativa dos homicídios do Brasil segue o mesmo caminho (vide WAISELFISZ, 2011, 2012 e 2013).

Gráfico 01: Taxa de vitimização por tipo de arma no RN no Quadriênio 2012-2015



Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Além das vítimas visíveis, estamos deixando para trás uma legião de “Vítimas Ocultas”. “Ocultas” porque são invisíveis para a sociedade civil e para o poder público. É pouco o que se conhece sobre parentes e amigos que perderam seus familiares por mortes violentas; não sabemos quem são e, muito menos, como reagem e sentem a perda das pessoas amadas. Sem essas informações, nada podemos sugerir e, por isso, pouco pode ser feito ou cobrado aos executivos federais, estaduais e municipais (SOARES, MIRANDA, BORGES, 2006).

Nesse ínterim, a tentativa de procurar os culpados pode ter como consequência uma nova agressão, talvez fatal, contra os sobreviventes. Dessa forma, num cenário de falência generalizada dos mecanismos sociais e jurídicos de produção de justiça, é comum que o entorno da vítima, e não o algoz, acabe pagando o preço pelo crime. Outra consequência, é um aumento do quadro de sensação de insegurança, agravado pelas mortes violentas (OLIVEIRA, 2002).

Notemos como as CVLIS dão mostra de que a suscetibilização financeira é indicativo de fazer segurança pública apenas com uso da força policial, não traz resultados duradouros. Os dados mostram que foram 3020 vidas extirpadas de pessoas que não possuíam nenhuma renda, que correspondem a 47,7% dos homicídios, e, foram 2903 vítimas que tinham sua renda em estimada entre um e dois salários mínimos, mostrando uma composição de 45,85% desse quadro de mortandade. Esses dois primeiros grupos que são constituídos pelos sem renda, pelos que ganham um ou até dois salários mínimos, formam 93,55% das vítimas de homicídios desses quatro anos compreendidos entre 2012-2015, restando apenas 6,45% que possuíam rendas maiores. Somando as etnias pardas e negras (pretas) obtemos 81% das vítimas de homicídios no RN em 4 anos, restando 18% de brancos e 1% daqueles que nem conseguimos definir a etnia. Há um preconceito social incutido contra pretos (negros e pardos) pobres (sem renda ou com renda até 2 salários mínimos) e moradores de periferias, temos mais chance de frear a alavancada da insegurança pública e da violência (MINAYO, 1994).

Gráfico 02: Número de CVLIS no RN no Quadriênio (2012-2015).



Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

As armas de fogo foram usadas em 84% dos casos, o restante (16%) fica distribuído entre os outros meios, e dentre eles a utilização de instrumentos de cozinha e de trabalho, como as facas, os facões, terçados, que para fins didáticos chamamos de “armas brancas”.

No presente trabalho, iremos analisar e apontar – como já dissemos – o perfil vitimológico das vítimas de CVLIs do RN, a dinâmica espacial dos CVLIs no estado do RN, a dinâmica espacial nos bairros das cidades com maior taxa de vitimização, os instrumentos de morte e os indicadores gerais da segurança pública. Por fim, traçaremos algumas considerações finais acerca da dinâmica homicida no período estudado (2012-2015).

2. Do Homicídio ao CVLI

Os homicídios são o maior problema da criminalidade violenta no Brasil. Responsável por 10% dos homicídios do mundo, segundo Exame da Declaração de Genebra sobre Violência Armada e Desenvolvimento. O Brasil vem apresentando um crescimento de suas taxas de homicídio numa média de 1.580 mortes ao ano e em suas taxas por cem mil na ordem de 5,6 % ao ano desde o início da década de 1980. Em 2002 esta taxa estava na ordem dos 30 homicídios por cem mil/habitantes (NOBREGA, 2009: 72). O Mapa da Violência 2011, documento que apresenta estudo realizado em colaboração entre o Ministério da Justiça e o Instituto Sangari acerca dos homicídios no Brasil, diz que:

As políticas desenvolvidas a partir de 2003 conseguiram estancar o íngreme crescimento da violência homicida que vinha se alastrando desde 1980, sem solução de continuidade. [Nossos índices permanecem ainda extremamente elevados, tanto quando comparamos nossos indicadores com os de outros países do mundo, quanto na percepção e temores da população sobre sua própria segurança (WAISLFISZ, 2011: 05).

Aponta ainda que essa violência continua a ter o jovem como principal ator e vítima. Outrossim, mostra um “deslocamento dos polos dinâmicos da violência rumo a locais com menor presença do Estado na área da Segurança Pública” (WAISLFISZ, 2011: 06). Uma amostra do quadro é que a taxa de homicídios de jovens pulou de 41,7 em 100 mil habitantes para 52,9 por 100 mil habitantes (dados de 2008).

Esse deslocamento do crescimento e deslocamento dos homicídios para cidades médias no Brasil, aponta, em certa medida, para as causas destes fatores. Principalmente porque a idéia de que a violência urbana é um sintoma de problemas subjacentes também precisa ser levada a sério. Nilson Vieira Oliveira aponta três teses essenciais:

(...) 1. A violência urbana não é nova, mas não assume as mesmas formas em todas as épocas. É importante distinguir suas variedades, as diferenças entre tipos de agente,

vítima, ocasião, local, tecnologia etc. 2. A importância do deslocamento ou realocação da violência dentro da cidade merece ênfase particular. As eleições e os carnavais brasileiros, por exemplo, não são mais ocasiões importantes de violência. Porém, deslocamento não significa desaparecimento. Na Europa, por exemplo, a violência festiva mudou-se de locais tradicionais, como a ponte, para lugares novos, como os estádios. 3. A violência pode ter se profissionalizado gradualmente a longo prazo, embora não possamos verificar essa hipótese com métodos quantitativos. A violência urbana tradicional, numa época em que a maioria dos homens adultos portava armas, era principalmente obra de amadores, enquanto hoje (com a significativa exceção dos tumultos étnicos) é principalmente obra de profissionais. A proporção da população que toma parte ativa na violência provavelmente diminuiu ao longo dos últimos séculos. Nesse sentido limitado, apesar da escala apavorante do problema da violência nas cidades contemporâneas, ainda podemos falar, como Norbert Elias, de um processo civilizador. Só não sabemos se a força desse processo vencerá o poder das novas armas (OLIVEIRA, 2002: 50).

Afinal, quem mata? A maioria das pessoas que matam nas cidades brasileiras é homem, jovem, pobre e mora nas periferias. Como agem? Agem “no meio da rua, usando revólver, motivados por questões frívolas, principalmente nos finais de semana, no período da noite, sem ser punido pela polícia, nem denunciado pela comunidade” (OLIVEIRA, 2002: 54-55). Mas, um alerta! Pois esse monte de generalidades quando repetido indiscriminada e indistintamente, sem que se aprofunde sobre os fatos, atrapalha mais do que ajuda a entender o perfil da violência nas cidades.

Isto porque,

Da maneira como são apresentados, os dados acabam servindo principalmente para apontar para a sociedade o grupo que se deve temer e, se possível, eliminar do convívio. (...) Duas consequências principais acabam surgindo: em primeiro lugar, as instituições repressivas do Estado podem atuar de maneira focada, prendendo ou matando as pessoas que pertencem a este grupo, que moram nos locais apontados pelas tabelas, se vestem de determinada maneira, falam um linguajar específico, com a pele de determinada cor. Em segundo lugar, a sociedade fica sabendo a quem temer, contra quem se precaver, os lugares a evitar, com quem não conviver. (...) Combatemos, odiamos, menosprezamos, portanto, o grupo de pessoas que os dados nos mostram como perigosas e que ameaçam nossa vida (OLIVEIRA, 2002: 54).

O estudo dos homicídios é fundamental. Pois os homicídios são ações que terminam revelando diversas peculiaridades sobre a sociedade e seus valores. Assim, entender o que levaria a maioria das pessoas que cometem homicídios a agir dessa forma revelaria também, de certa medida, os defeitos e problemas da sociedade que criamos.

Em geral, os homicídios são causados por fatores que convergem a uma sociabilidade violenta ou mesmo, a uma cultura de sociabilidade “etílica”, perpassada pelo álcool. Em um estudo revelador, realizado em São Paulo, em sua grande maioria, os homicídios (esclarecidos ou não esclarecidos), o homicida agia “para resolver um problema pessoal, que diz respeito a si próprio e a mais ninguém”. Assim, os homicídios que são cometidos em “nome dos negócios (ilícitos, na totalidade), em que trabalha o autor do crime, ficam em segundo lugar”. Finalmente, estão aqueles homicídios que são decorrentes de roubos, onde “o assassinado pode ser a vítima do roubo, o autor do roubo, o segurança ou o policial que tenta evitar o ato. (...) Os homicídios ligados a questões familiares, envolvendo integrantes da família ou pessoas de fora, somam 8% dos assassinatos.” (OLIVEIRA, 2002: 61).

Importante também salientar que a evolução da pobreza e da miséria nas últimas décadas não sustenta a tese que relaciona o aumento da criminalidade pela miséria apenas. Assim como, a diminuição pura e simples da desigualdade, como ocorreu nos últimos anos, não se ligou a uma diminuição dos índices de violência.

Outro ponto indicado pelas pesquisas atuais, a violência também tem um efeito inflacionário. Quando a taxa de crimes, especialmente os violentos chegam a um patamar muito elevado, o medo da população e a insegurança ameaçam a qualidade de vida conquistada a duras penas em décadas de desenvolvimento econômico e de reivindicações sociais.

O homicídio é a forma de violência mais impactante, principalmente devido ao fato de eliminar, sem retorno, a possibilidade de reparação da vítima. A mortandade causada por homicídios é considerada um indicador importante da violência social, muitas vezes relacionada a crescentes índices de desigualdades sociais e econômicas, assim como: retração do papel do Estado nas políticas públicas, precariedade no desempenho das medidas de segurança pública e de justiça. “Juntos, esses fatores levam ao predomínio da impunidade, à organização de

grupos de extermínio, à organização do narcotráfico e de grupos de sequestradores, à posse de armas, entre outros processos” (LIMA, 2002: 463).

Há uma associação direta entre a mortalidade por homicídio e os baixos níveis de desenvolvimento socioeconômico. Assim como acerca da associação entre o número de vítimas fatais de violência policial e a mortalidade por homicídios. Em estudo realizado, Peres Et Al (2008: 274) apontam que “nas análises univariadas (correlação e regressão), encontramos maiores coeficientes de mortalidade nas áreas com maior vitimização fatal por parte de policiais”. Isso significa que, essas áreas são, da mesma maneira, as mesmas que apresentavam os piores índices de desenvolvimento socioeconômico.

Além disso:

Uma série de estudos indica que não é a pobreza que explica as altas taxas de homicídio, mas a combinação de desvantagens sociais que caracterizam as áreas periféricas. Dentre essas desvantagens, cabe ressaltar aquela que resulta da atuação dos agentes do Estado em tais comunidades. Pode-se dizer que, de modo geral, as comunidades que apresentam altos níveis de violência e desvantagens são pouco atraentes como local de trabalho para os agentes públicos (PERES, 2008: 274).

Um dos elementos que contribuem significativamente para os aumentos dos homicídios é o uso de armas de fogo, principalmente enquanto elemento facilitador. A partir da década de 1990, os dados vêm indicando uma significativa contribuição das armas de fogo para o crescimento dos homicídios. Mas, como em outros casos, problemas na qualidade e certidão das informações, tanto no que se refere às mortes com intencionalidade indeterminada como ao tipo de instrumento utilizado, prejudicaram a análise dos dados (PERES, SANTOS, 2005).

Em bairros e favelas em que parece prevalecer o tráfico de drogas, em particular, o crack, há, em geral, registro de violência ligada ao tráfico. Os homicídios são, também, resultado da violência sistêmica associada ao mercado negro de drogas. “Naturalmente, isto de forma nenhuma significa que apenas esse tipo de delito ocorre nessas regiões, mas apenas que o incremento resultante da violência associada ao tráfico de drogas contribui para que estas sejam identificadas como conglomerados” (BEATO FILHO, 2001: 1169).

Assim,

Esse resultado encontra respaldo em uma literatura de análise da violência e criminalidade que enfatiza o incremento dos homicídios à violência associada ao mercado de drogas (...). Quase a totalidade desse pequeno universo de áreas de risco estão concentradas em favelas. De qualquer maneira, não são as condições socioeconômicas per se as responsáveis pelos conglomerados de homicídios, mas o fato de essas regiões serem assoladas pelo tráfico e pela violência associada ao comércio negro de drogas (BEATO FILHO, 2001: 1169).

Segundo Júlio Jacobo Waiseilfisz, no Mapa da Violência 2011, o contínuo incremento da violência no dia-a-dia é algo representativo e problemático na organização da vida nas sociedades modernas, principalmente nos grandes centros urbanos. Insiste que a morte é “a violência levada a seu grau extremo”, onde, “a intensidade nos diversos tipos de violência guarda uma estreita relação com o número de mortes que causa” (WAISLIFISZ, 2011: p. 10).

Por isso, destaca que o uso de mortes por violência como indicador geral é causada pela falta de alternativas confiáveis de indicadores do fenômeno. Para tanto: “entenderemos como morte violenta os óbitos acontecidos por acidentes de transporte, por homicídios ou agressões fatais e suicídios” (WAISLIFISZ, 2011: 10).

Além do exposto, a conceituação de CVLI (Conduta Violenta Letal Intencional), ao invés simplesmente de “homicídio”, representa, em termos analíticos, um ganho extra. A abrangência do campo da violência que aferimos vai além do modelo criminalista e busca se concentrar no aspecto social, mapeando destarte, condutas, e não crimes. Portanto, utilizaremos o conceito inovador usado no Rio Grande do Norte e efetivado em Pacto Interinstitucional firmado em 2014:

As Condutas Violentas Letais Intencionais (CVLIs) – conceito e metodologia de produção de dados estatísticos para os crimes e condutas análogas, intencionais, com resultado morte. Para fins de contagem e consolidação da natureza violenta da ação, utilizamos a terminologia Conduta Violenta Letal Intencional (CVLI), que é entendida como sendo toda ação, reação e omissão humana que visa a atingir fisicamente a outro, produzindo morte como resultado final imediato ou posterior em decorrência da natureza do ferimento causado. Portanto, estão incluídas todos as ações criminais e/ou condutas análogas que

tenham sido cometidos de forma violenta e intencional, determinantes do resultado morte. Os tipos jurídicos, estabelecidos no rol exaustivo de ações definidas na legislação brasileira, representada pelos delitos abaixo elencados, que se constituem subgrupos do marco sobredito:

- a) Homicídio doloso (Art. 121, §1º e §2º);
- b) Lesão corporal dolosa seguida de morte (Art. 129, §3º);
- c) Rixa seguida de morte (Art. 137, par. único);
- d) Roubo seguido de morte (Art. 157, §3º);
- e) Extorsão seguida de morte (Art. 158, §3º);
- f) Extorsão mediante sequestro seguida de morte (Art. 159, §3º);
- g) Estupro seguido de morte (Art. 213, §2º);
- h) Estupro de vulnerável seguido de morte (Art. 217-A, §4º);
- i) Incêndio doloso seguido de morte (Art. 250, §1º, c/c Art. 258);
- j) Explosão dolosa seguida de morte (Art. 251, §1º e §2º, c/c Art. 258);
- k) Uso doloso de gás tóxico ou asfixiante (Art. 252, caput, c/c Art. 258);
- l) Inundação dolosa (Art. 254, c/c Art. 258);
- m) Desabamento ou desmoronamento doloso (Art. 256, caput, c/c Art. 258);
- n) Perigo de desastre ferroviário na forma dolosa (Art. 260, §1º, c/c Art. 263);
- o) atentado doloso contra a segurança de transporte marítimo, fluvial ou aéreo (Art. 261, §1º e §2º, c/c Art. 263);
- p) atentado doloso contra a segurança de outro meio de transporte (Art. 262, §1º, c/c Art. 263);
- q) Arremesso de projétil seguido de morte (Art. 264, par. único);
- r) Epidemia dolosa seguida de morte (Art. 267, §1º), todos do Código Penal Brasileiro e,
- s) Tortura seguida de morte (Art. 1º, § 3º, da Lei Nº 9.455/97).

Nos casos em que ocorrerem mortes durante confronto entre criminosos e/ou suspeitos e policiais militares ou civis, registradas como CVLI, a informação no subgrupo deve referenciar tal circunstância, para efeito de avaliação e transparência das condutas de atuação das forças de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Norte. O marco classificatório da CVLI será considerado conforme a solicitação dos exames periciais pela autoridade policial, podendo ser revisto, desde que formalmente justificado. A unidade de contagem terá por base o número de vítimas falecidas e, para efeito da localização geográfica da CVLI, é considerado o local da execução da ação ou conduta análoga, em sendo a consumação incidida naquele ambiente ou em unidade de socorro médico. Nos casos de encontro de cadáver com sinais de violência em que não seja possível precisar o local da execução do crime, será considerado o local da constatação do fato.

Para efeitos estatísticos serão consideradas como a data e hora da CVLI, o momento da consumação ou constatação do óbito. Na caracterização da intencionalidade do crime serão considerados os crimes ou condutas análogas, cometidos por dolo direto, indireto e preterdolo, excluindo-se as situações de crime praticado com dolo eventual, o qual poderá vir a compor o quadro estatístico depois de apreciada sua classificação pelo Judiciário em sede Sentencial com trânsito em julgado.

3. Perfil Vitimológico

A tendência nacional, desde que as CVLIs (Condutas Violentas Letais Intencionais) passaram a ser contabilizados na década de 1980, sempre seguiu a predominância absoluta do gênero masculino. Homens são tanto os algozes, quanto as vítimas preferenciais de mortes violentas no Brasil. O RN segue a mesma tendência apresentando leve variação, com alta significativa de mortes de mulheres. Ainda assim, mais de 90% das vítimas são homens, inclusive no cômputo geral. Nas mortes de mulheres, há um grande crescimento entre 2012 e 2013, com queda no período de 2013-2014 (em relação ao crescimento anterior) e queda real entre 2014-2015.

Tabela 01: Taxa de CVLIS no RN por Gênero (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTECIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
GÊNERO	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
MASCULINO	1.151	1.551	1.648	1.559	5.909	34,8%	6,3%	-5,4%
FEMININO	72	112	123	111	418	55,6%	9,8%	-9,8%
IGNORADO	1	2	1	0	4	100,0%	-50,0%	-100,0%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Assim como a questão de gênero, o fator cor também é preponderantemente similar ao padrão nacional, onde negros e pardos perfazem a maioria quantitativa e também percentual. Juntos, são mais de dois terços do total de vítimas de CVLIS. Importa dizer que, institutos nacionais, como o construtor do “Mapa da violência do Brasil” (WAISELFISZ, 2011, 2012 e 2013), não diferencia pardos de negros. Aqui o fazemos ainda por opção metodológica. Em todo caso, a violência homicida vai descortinando um perfil: homens, pardos e negros.

Tabela 02: Taxa de CVLIS no RN por Etnia (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTECIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
ETNIA	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
PARDA	462	666	721	830	2.679	44,2%	8,3%	15,1%
NEGRA	468	755	697	551	2.471	61,3%	-7,7%	-20,9%
BRANCA	294	210	317	282	1.103	-28,6%	51,0%	-11,0%
IGNORADA	0	34	37	7	78	NA	8,8%	-81,1%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

No que se refere ao “estado civil”, mais um elemento se agrega para montar o perfil vitimológico: a maioria é solteira, perfazendo também o entorno de cerca de dois terços do total. Homens, pardos e negros e solteiros são a vítima potencial de CVLIs no RN. Ser solteiro significa, para a juventude periférica: de um lado maior exposição a horários e atividades que os expõem a mais riscos; por outro lado, a funções sociais, dentro da economia de bens ilícitos (não necessariamente o “tráfico de drogas” que aumentam as chances de serem vítimas de CVLIs).

Tabela 03: Taxa de CVLIS no RN por Estado Civil (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTECIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
ESTADO CIVIL	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
SOLTEIRO(A)	937	1.227	1.263	1.327	4.754	30,9%	2,9%	5,1%
CASADO(A)	164	228	195	135	722	39,0%	-14,5%	-30,8%
UNIAO CONSENSUAL	13	98	175	140	426	653,8%	78,6%	-20,0%
IGNORADO	88	73	122	50	333	-17,0%	67,1%	-59,0%
VUO(A)	18	22	3	6	49	22,2%	-86,4%	100,0%
DIVORCIADO(A)	0	14	8	12	34	NA	-42,9%	50,0%
SEPARADO(A)	4	3	4	0	11	-25,0%	33,3%	-100,0%
NAO APLICAVEL	0	0	2	0	2	NA	NA	-100,0%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

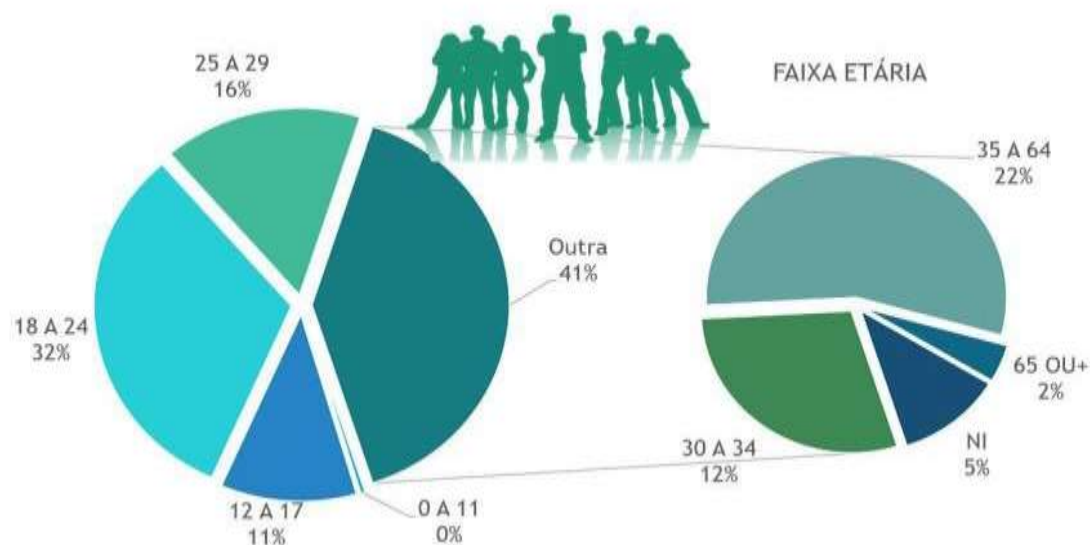
Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

No quadro descritivo das vítimas de CVLIs no RN, outro elemento que caracteriza a vitimologia e que, também, acompanha o quadro nacional, é a questão da faixa etária: no RN boa parte das vítimas estão entre 18 a 29 anos, com variações também entre grupos de 30 a 34 anos e 35 a 64 anos significativas. Quase dois terços, porém, são jovens entre 16 e 35 anos (de adolescentes a jovens adultos). Continuando a caracterização de nosso perfil, temos: Homem, pardo e negro, solteiro e jovem.

Tabela 04: Taxa de CVLIS no RN por Idade (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE									
FAIXA ETÁRIA	PERÍODO					VARIÇÃO			
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015	
0 A 11	2	9	9	6	26	350,0%	0,0%	-33,3%	
12 A 17	150	183	185	189	707	22,0%	1,1%	2,2%	
18 A 24	350	519	600	560	2.029	48,3%	15,6%	-6,7%	
25 A 29	186	276	291	280	1.033	48,4%	5,4%	-3,8%	
30 A 34	145	199	214	180	738	37,2%	7,5%	-15,9%	
35 A 64	294	366	356	383	1.399	24,5%	-2,7%	7,6%	
65 OU+	28	29	30	22	109	3,6%	3,4%	-26,7%	
N	69	84	87	50	290	21,7%	3,6%	-42,5%	
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%	

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Gráfico 03: Taxa de CVLIS no RN por Idade (2012-2015)

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Outro elemento primordial é o fator renda. A ampla maioria das vítimas de CVLIS no RN são pessoas que possuem renda de até 2 salários mínimos. O fator renda é tão perceptível que, metade das vítimas não possuem renda fixa e, pasmem, quase a outra metade mal chegam aos 3 salários mínimos. Quase a totalidade das vítimas de CVLIS são pessoas oriundas das classes D e E. Nossa caracterização do perfil segue assim: Homem, pardo e negro, solteiro, jovem e de baixa renda (até 3 Salários Mínimos).

Tabela 05: Taxa de CVLIS no RN por Renda (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE									
REMUNERAÇÃO ESTIMADA	PERÍODO					VARIÇÃO			
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015	
SEM ATIVIDADE REMUNERADA	542	809	920	749	3.020	49,3%	13,7%	-18,6%	
ATE 1 SALARIO MINIMO	285	388	354	327	1.354	36,1%	-8,8%	-7,6%	
ATE 2 SALARIOS MINIMOS	323	369	390	467	1.549	14,2%	5,7%	19,7%	
ATE 4 SALARIOS MINIMOS	62	72	74	82	290	16,1%	2,8%	10,8%	
ATE 6 SALARIOS MINIMOS	2	14	18	15	49	600,0%	28,6%	-16,7%	
ATE 8 SALARIOS MINIMOS	8	13	15	29	65	62,5%	15,4%	93,3%	
ATE 10 SALARIOS MINIMOS	2	0	0	0	2	-100,0%	NA	NA	
ACIMA DE 10 SALARIOS MINIMOS	0	0	1	1	2	NA	NA	0,0%	
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%	

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Gráfico 04: Taxa de CVLIS no RN por Renda (2012-2015)

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

A escolaridade acompanha, de forma incisiva, a renda: maioria significativa das vítimas de CVLIs no RN não concluíram o ensino básico e, principalmente, o médio. Uma minoria quase que estatisticamente insignificante terminou o nível superior ou o estava fazendo. Com o gradiente de renda, é perceptível que a dinâmica homicida no RN está atrelada ao fator renda, cor, escolaridade, idade e gênero.

Tabela 06: Taxa de CVLIS no RN por Escolaridade (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
ESCOLARIDADE	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
PRE-ESCOLA	0	1	1	1	3	NA	0,0%	0,0%
FUNDAMENTAL	536	618	586	588	2.328	15,3%	-5,2%	0,3%
MÉDIO	219	296	307	261	1.083	35,2%	3,7%	-15,0%
SUPERIOR	34	48	54	55	191	41,2%	12,5%	1,9%
IGNORADA/INDEFINIDA	0	0	0	0	0	NA	NA	NA
IGNORADA/INDEFINIDA	435	702	824	765	2.726	61,4%	17,4%	-7,2%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Assim, o perfil da vítima de CVLIs no RN pode ser esboçada com clareza: homens, jovens, pardos e/ou negros, com baixa escolaridade, baixa renda (até 3 SM) e solteiros. O quadro acompanha o mesmo perfil do Brasil, da mortandade violenta. Jovens pobres e negros são as vítimas de um verdadeiro holocausto que se abate sobre essa parcela fragilizada da população brasileira.

4. Espacialidade

A geografia da mortandade violenta do Rio Grande do Norte se especializa e concentra-se em duas áreas principais: a Leste, concentrada em Natal e em sua Região Metropolitana; e a Oeste, centrada em Mossoró e nas cidades circunvizinhas que são influenciadas por fatores ligados a esta cidade. Ao mesmo tempo, a violência é eminentemente urbana, assim como se concentra em cidades com grande adensamento populacional. São nesses espaços que as possibilidades econômicas se encontram em profusão e, com eles, oportunidades de atividades desviantes e criminosas. Ao mesmo tempo, o aumento populacional não foi acompanhado por um aumento gradativo das estruturas de controle social (entre elas, a de segurança pública), resultando na defasagem hoje vista e que é, também, responsável pelo crescimento vertiginoso dos CVLIs nessas áreas (GARLAND, 2008). Estes podem ser compreendidos, em sua dinâmica geoespacial, a partir de vários segmentos que possibilitam um olhar mais significativo de suas ocorrências.

Tabela 07: Taxa de CVLIS no RN por Ocupação Populacional (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
OCUPAÇÃO POPULACIONAL	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
METROPOLITANA	769	1.023	1.037	948	3.777	33,0%	1,4%	-8,6%
PERÍMETRO URBANO	301	440	519	483	1.743	46,2%	18,0%	-6,9%
ZONA RURAL	143	188	195	222	748	31,5%	3,7%	13,8%
LITORAL URBANO	8	6	7	4	25	-25,0%	16,7%	-42,9%
LITORAL SUL	2	2	9	8	21	0,0%	350,0%	-11,1%
LITORAL NORTE	1	6	5	5	17	500,0%	-16,7%	0,0%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Quando olhamos a partir dos espaços de concentração urbana e populacional, temos a seguinte configuração: a maior parte dos CVLIs concentram-se na Região Metropolitana de Natal (RMN), concentrando mais da metade das ocorrências do estado no período analisado. O interior urbano, incluindo aí as cidades médias do RN, concentram mais de um terço do total, seguido do interior rural que, praticamente, perfaz pouco mais de dez por cento. Significativo é que que, as áreas litorâneas, em números absolutos, apresentam poucos incidentes.

Tabela 08: Taxa de CVLIS no RN na Região Metropolitana de Natal (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
NATAL	453	584	590	506	2.133	28,9%	1,0%	-14,2%
PARNAMIRIM	96	126	138	135	495	31,3%	9,5%	-2,2%
MACAIBA	38	112	72	67	289	194,7%	-35,7%	-6,9%
SAO GONCALO DO AMARANTE	52	50	77	78	257	-3,8%	54,0%	1,3%
CEARÁ MIRIM	34	48	56	55	193	41,2%	16,7%	-1,8%
SAO JOSE DE MIPIBU	37	46	51	31	165	24,3%	10,9%	-39,2%
EXTREMOZ	37	24	31	33	125	-35,1%	29,2%	6,5%
NSIA FLORESTA	19	22	15	24	80	15,8%	-31,8%	60,0%
MONTE ALEGRE	4	11	4	5	24	175,0%	-63,6%	25,0%
IELMO MARINHO	4	4	3	5	16	0,0%	-25,0%	66,7%
VERA CRUZ	5	3	2	2	12	-40,0%	-33,3%	0,0%
MAXARANGUAPE	2	1	2	5	10	-50,0%	100,0%	150,0%
TOTAL	781	1.031	1.041	946	3.799	32,0%	1,0%	-9,1%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

A Região Metropolitana de Natal é o epicentro da violência homicida do RN. Natal lidera com demasiada folga, sendo a responsável por um terço de todos os CVLIs ocorridos no estado. Seguida por suas cidades integradas principais (Parnamirim, Macaíba, Extremoz e São Gonçalo do Amarante), que perfazem outros cerca de 15% do total. As demais cidades somam o restante. Como mostraremos adiante, as mortes violentas apresentam uma espacialidade mais perversa ainda, pois estão ligados às áreas de maior vulnerabilidade social e urbana, principalmente em áreas limítrofes entre as periferias dessas cidades.

Tabela 09: Taxa de CVLIS no RN nos Polos Turísticos (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
POLOS TURÍSTICOS	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
COSTA DAS DUNAS	790	1.042	1.085	990	3.907	31,9%	4,1%	-8,8%
COSTA BRANCA	191	270	305	263	1.029	41,4%	13,0%	-13,8%
NAO E POLO TURISTICO	143	218	217	214	792	52,4%	-0,5%	-1,4%
SERIDO	36	39	69	93	237	8,3%	76,9%	34,8%
AGRESTE/TRAIRI	39	57	49	62	207	46,2%	-14,0%	26,5%
SERRANO	25	39	47	48	159	56,0%	20,5%	2,1%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

As zonas turísticas também são afetadas pelos CVLIs. Mas, apenas se analisarmos a inserção dessas áreas dentro dos espaços maiores: por exemplo, o polo Costa das Dunas está inserido na RMN, por isso é o mais violento. Outrossim, se analisarmos que – a nível micro – as áreas turísticas são efetivamente as que pouco apresentam CVLIs, a coisa muda de figura. O exemplo mais salutar é a Via Costeira (orla em que estão os hotéis de luxo da capital e também não há nenhuma residência) onde praticamente a incidência de CVLIs é zero.

Tabela 10: Taxa de CVLIS no RN por Densidade Demográfica (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
DENSIDADE DEMOGRÁFICA	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
ATE 10 ML HAB	74	119	123	148	464	60,8%	3,4%	20,3%
ACIMA DE 10 ML ATE 20 ML HAB	122	128	173	160	583	4,9%	35,2%	-7,5%
ACIMA DE 20 ML ATE 50 ML HAB	200	273	289	293	1.055	36,5%	5,9%	1,4%
ACIMA DE 50 ML ATE 100 ML HAB	144	247	267	265	923	71,5%	8,1%	-0,7%
ACIMA DE 100 ML HAB	684	898	920	804	3.306	31,3%	2,4%	-12,6%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Em termos demográficos, como já apontado, os CVLIs são mais recorrentes nas cidades com mais de 100 mil habitantes, havendo incidência significativa, porém, em cidades acima de 20 mil. Importa lembrar que, espacialmente, esses núcleos urbanos estão integrados a cidades maiores, principalmente os grandes epicentros homicidas, como Natal, Mossoró e Parnamirim. Os CVLIs se concentram não apenas nos grandes conglomerados, mas como seu combate, seguindo a mesma lógica, é mais visualizado nessas áreas.

A divisão do Rio Grande do Norte em mesorregiões potiguares também permite um olhar sobre a dinâmica espacial da violência homicida no estado. Como já dissemos no capítulo anterior, sua concentração acompanha as áreas mais prósperas economicamente e mais urbanizadas.

O Rio Grande do Norte é dividido em quatro grandes mesorregiões: Leste Potiguar (com Natal no epicentro); Oeste Potiguar (com Mossoró como polo); Agreste Potiguar (com Santa Cruz no centro dinâmico); e o Central Potiguar (com Caicó na centralidade).

Tabela 11: Taxa de CVLIS no RN por Mesorregiões (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
MESORREGIÕES	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
LESTE POTIGUAR	803	1.057	1.104	993	3.957	31,6%	4,4%	-10,1%
OESTE POTIGUAR	274	406	445	393	1.518	48,2%	9,6%	-11,7%
AGRESTE POTIGUAR	100	132	121	153	506	32,0%	-8,3%	26,4%
CENTRAL POTIGUAR	47	70	102	131	350	48,9%	45,7%	28,4%
TOTAL	1.224	1.665	1.772	1.670	6.331	36,0%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

A região Leste Potiguar lidera em absoluto os CVLIs, pois concentra a Região Metropolitana de Natal e toda uma gama de deslocamentos populacionais que são, também, importantes na compreensão da dinâmica homicida. Cerca de 60% das mortes violentas ocorrem nessa mesorregião, assim como boa parte do aparato institucional público é concentrado lá.

A dinâmica macroeconômica e estatal estão ligadas à concentração populacional. A dinâmica criminal segue o mesmo passo. A outra mesorregião mais violenta é a Oeste, com Mossoró como epicentro. Seu crescimento econômico e populacional foi acompanhado por uma explosão de CVLIs nos últimos anos, sendo o período analisado o maior deles. As demais áreas, Agreste e Central, embora apresentem números significativos, possuem uma dinâmica bem mais “suave”, no comparativo com as demais (o que aponta a correlação entre economia

e criminalidade homicida, além de outros aspectos). A análise detida das Mesorregiões por municípios nos permitem visualizar a perversidade da dinâmica dos homicídios e demais mortes violentas. Como já apontamos anteriormente, Natal é a responsável por um terço de todos os CVLIs ocorridos no estado.

Tabela 12: Taxa de CVLIS no RN por Ranking dos Municípios (2012-2015)

RANKING DE MUNICÍPIOS (1-40)	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
NATAL	453	584	590	506	2.133	28,9%	1,0%	-14,2%
MOSSORÓ	135	188	192	163	678	39,3%	2,1%	-15,1%
PARNAMIRIM	96	126	138	135	495	31,3%	9,5%	-2,2%
MACAÍBA	38	112	72	67	289	194,7%	-35,7%	-6,9%
SÃO GONÇALO DO AMARANTE	52	50	77	78	257	-3,8%	54,0%	1,3%
CEARÁ-MIRIM	34	48	56	55	193	41,2%	16,7%	-1,8%
SÃO JOSÉ DE MIPEBU	37	46	51	31	165	24,3%	10,9%	-39,2%
EXTREMOZ	37	24	31	33	125	-35,1%	29,2%	6,5%
CAICÓ	7	18	35	46	106	157,1%	94,4%	31,4%
BARAÚNA	16	31	29	30	106	93,8%	-6,5%	3,4%
NÍSIA FLORESTA	19	22	15	24	80	15,8%	-31,8%	60,0%
ASSU	13	19	27	19	78	46,2%	42,1%	-29,6%
SANTA CRUZ	16	26	14	21	77	62,5%	-46,2%	50,0%
JOÃO CAMARÁ	13	12	11	18	54	-7,7%	-8,3%	63,6%
ÁREA BRANCA	5	13	23	10	51	160,0%	76,9%	-56,5%
CURRAIS NOVOS	8	7	13	20	48	-12,5%	85,7%	53,8%
CARALHAS	5	12	11	17	45	140,0%	-8,3%	54,5%
PARELHAS	7	7	11	13	38	0,0%	57,1%	18,2%
UMARIZAL	9	7	17	5	38	-22,2%	142,9%	-70,6%
APODI	4	13	7	12	36	225,0%	-46,2%	71,4%
NOVA CRUZ	3	12	9	10	34	300,0%	-25,0%	11,1%
CANGUARETAMA	1	8	8	14	31	700,0%	0,0%	75,0%
MACAÚ	5	5	5	13	28	0,0%	0,0%	160,0%
TANGARÁ	6	5	6	10	27	-16,7%	20,0%	66,7%
SERRA DO MEL	4	7	10	6	27	75,0%	42,9%	-40,0%
GOIANINHA	2	8	13	4	27	300,0%	62,5%	-69,2%
PATU	6	10	9	2	27	66,7%	-10,0%	-77,8%
AREZ	2	4	9	11	26	100,0%	125,0%	22,2%
TOUROS	5	5	10	5	25	0,0%	100,0%	-50,0%
TIBAÚ DO SUL	4	3	11	7	25	-25,0%	266,7%	-36,4%
IPANGUAÇU	3	5	9	8	25	66,7%	80,0%	-11,1%
PENDÊNCIAS	6	10	6	3	25	66,7%	-40,0%	-50,0%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Neste ínterim, e como já sinalizamos, Natal é acompanhada por suas cidades conurbadas principais (Parnamirim, Macaíba, São Gonçalo do Amarante e Extremoz), que perfazem outros cerca de 15% do total. As demais cidades somam o restante. Como mostraremos adiante, os CVLIs apresentam uma espacialidade mais perversa ainda, pois estão ligados às áreas de maior vulnerabilidade social e urbana, principalmente em áreas limítrofes entre as periferias dessas cidades. Quanto mais longe se está da Capital, mais caem também a incidência de mortes violentas. O município de Nísia Floresta, por exemplo, embora sendo da RMN, já apresenta queda significativa, pois não apresenta conurbação com Natal.

A dinâmica homicida da Mesorregião Oeste está ligada, quase que absolutamente, à cidade de Mossoró. Com quase 290 mil habitantes (IBGE, 2016), a cidade apresenta crescimento gradativo de seus CVLIs desde 2008. De 2012 até 2015, apresenta uma dinâmica que pouco varia em termos de taxa por cem mil habitantes. O que chama a atenção, principalmente, é a pequena cidade de Baraúna, que apesar de seus cerca de 27 mil habitantes (IBGE, 2016), concentra um sexto dos CVLIs da região. Baraúna, embora não conurbada, já que a área rural de Mossoró é gigantesca, é fortemente influenciada pela dinâmica homicida e das demais atividades desviantes e criminosas daquela cidade polo.

A mesorregião Agreste concentra boa parte de seus CVLIs em duas cidades economicamente mais populosas e dinâmicas: Santa Cruz no Trairi e Nova Cruz, na fronteira com a Paraíba. As demais cidades possuem baixa incidência de mortes violentas, quando comparadas com as supracitadas ou aos municípios de maior incidência.

Acompanhando a lógica do Agreste, a região Central segue com menores índices de CVLIs, sendo os epicentros as cidades polos de Caicó e Currais Novos, ambas no Seridó. Interessa informar que temos aqui a mesorregião com menor índice de desigualdade social e com maior número de organizações da sociedade civil. Mais instituições de legitimação e

agregação social, juntamente com maior número de pequenas propriedades fundiárias, faz com que a região tenha o maior número de municípios com nenhuma ou apenas uma ocorrência de mortes violentas em todo o período. Quando discutido a relação entre desigualdade e CVLIs, o Seridó pode ser um excelente “case” a ser exemplificado.

Como realizado pelos vários “Mapas da Violência” publicados no Brasil, a construção de um “ranking” de municípios pela incidência de seus homicídios (em geral só se categoriza esse tipo de morte violenta) permite visualizar, ao menos de forma geral, como se encontra a dinâmica destes, assim como estão sendo pensadas as políticas públicas de combate aos mesmos por parte do Poder constituído.

Natal, a capital do estado do RN, é a campeã absoluta no número de CVLIs. Um terço das ocorrências no estado no período analisado aconteceram em seus domínios. Maior população, maior economia, maior dinâmica urbana e, principalmente, maior desigualdade estrutural e social. Não é a pobreza o elemento chave, mas a correlação entre desigualdade material e crescimento econômico sem acompanhamento do incremento das políticas públicas necessárias (renda, emprego, educação, saúde, lazer, segurança pública e justiça). Como será mostrado mais adiante, Natal concentra também as maiores áreas periféricas de desigualdade aguda, amplificadas com a conurbação com as áreas periféricas de municípios de sua Região Metropolitana.

As cidades seguintes seguem, basicamente, a mesma lógica. Perceba, ao mesmo tempo, como a dinâmica homicida segue o critério de população e crescimento econômico mais desigualdade sócio estrutural geral. Mossoró, segunda cidade do estado é a segunda do ranking. Parnamirim, terceira cidade, é a terceira do ranking. Depois disto, a variação prossegue dependendo da proximidade com as áreas mais violentas ou com seu tamanho (como o caso da pequena Baraúna, no Oeste).

5. Espacialização por Bairros nos Municípios mais violentos

Os CVLIs precisam ser analisados também em micro áreas que permitem ver sua dinâmica através das lentes das políticas públicas e das desigualdades urbanas, econômicas e sociais. A análise dos bairros é um elemento crucial neste processo. A fim de amostragem e de pertinência, trazemos aqui os bairros das onze cidades mais violentas do RN.

Tabela 13: Taxa de CVLIS no RN por Bairros de Natal (2012-2015)

RANKING DE BAIRROS DE NATAL	PERÍODO					VARIACÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
NSASPRADA APRESENTACAO	46	86	72	51	255	87,0%	-16,3%	-29,2%
FELIPE CAMARAO	49	58	46	61	214	18,4%	-20,7%	32,6%
LAGOA AZUL	35	51	45	31	162	45,7%	-11,8%	-31,1%
POTENGI	22	31	45	41	139	40,9%	45,2%	-8,9%
FLAVALTO	26	33	42	31	132	26,9%	27,3%	-26,2%
PAJUCARA	33	32	32	35	132	-3,0%	0,0%	9,4%
IGAPO	21	23	30	34	108	9,5%	30,4%	13,3%
QUINTAS	29	27	26	25	107	-6,9%	-3,7%	-3,8%
BOI PASTOR	19	23	19	20	81	21,1%	-17,4%	5,3%
FEDINHA	16	21	14	20	71	31,3%	-33,3%	42,9%
MAELUZA	19	22	18	10	69	15,8%	-18,2%	-44,4%
CIDADE NOVA	25	25	6	12	68	0,0%	-76,0%	100,0%
CIDADE DA ESPERANCA	7	18	17	14	56	157,1%	-5,6%	-17,6%
DIX-SEPT ROSADO	8	20	15	9	52	150,0%	-25,0%	-40,0%
PONTA NEGRA	6	12	14	15	47	100,0%	16,7%	7,1%
OUTROS	92	102	149	97	440	10,9%	46,1%	-34,9%
TOTAL	453	584	590	506	2.133	28,9%	1,0%	-14,2%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

O corolário “desigualdade” e insegurança é notório, não porque a pobreza traga a insegurança, mas porque a mesma, em áreas de forte dinâmica econômica no Brasil, está atrelada: a poucos investimentos em políticas públicas em geral; à moradias deficitárias; a baixos níveis de renda e emprego (assim como escolaridade); e a uma série de elementos desagregadores que tornam as áreas mais propícias à atuação de práticas desviantes violentas e de criminalidade. Importa lembrar que, em todos os casos que iremos apontar, a estrutura de segurança pública é não apenas deficitária, mas é praticamente a única presente do Estado nesses espaços de alta incidência de CVLIs.

Os bairros mais violentos da capital potiguar estão quase todos, ou em áreas de alta vulnerabilidade social ou, quando em áreas “nobres”, possuem espaços urbanos de alta vulnerabilidade. O maior deles, com mais de 80 mil habitantes e o bairro mais violento do RN é o Nossa Senhora da Apresentação. Seguido de Felipe Camarão, Lagoa Azul, Potengi, Pajuçara e Igapó. Praticamente todos na Zona Norte de Natal.

Segundo a lógica supracitada, as regiões mais violentas são também as regiões com mais vulnerabilidades: Norte, Oeste e Leste, sendo as duas primeiras as que apresentam a maior concentração de comunidades vulneráveis.

Tabela 14: Taxa de CVLIs no RN por Bairros de Mossoró (2012-2015)

RANKING DE BAIROS DE MOSSORÓ	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
SANTO ANTONIO	26	37	29	19	111	42,3%	-21,6%	-34,5%
ZONA RURAL	12	19	23	28	82	58,3%	21,1%	21,7%
ABOLIÇÃO	10	11	18	10	49	10,0%	63,6%	-44,4%
SANTA DELMIRA	5	8	11	16	40	60,0%	37,5%	45,5%
ALTO DE SÃO MANOEL	7	12	12	6	37	71,4%	0,0%	-50,0%
BELO HORIZONTE	7	8	13	6	34	14,3%	62,5%	-53,8%
AEROPORTO MOSSORÓ	11	10	7	6	34	-9,1%	-30,0%	-14,3%
DOM JAIME CAMARÁ	12	6	5	10	33	-50,0%	-16,7%	100,0%
BARROCAS	4	11	11	7	33	175,0%	0,0%	-36,4%
CENTRO MOSSORÓ	3	13	5	6	27	333,3%	-61,5%	20,0%
BOM JARDIM	4	7	11	3	25	75,0%	57,1%	-72,7%
FLANALTO 13 DE MAIO	7	5	7	3	22	-28,6%	40,0%	-57,1%
PAREDES	3	6	4	5	18	100,0%	-33,3%	25,0%
ALTO DA CONCEIÇÃO	4	4	9	0	17	0,0%	125,0%	-100,0%
VINGT-ROSA DO	2	5	1	7	15	150,0%	-80,0%	600,0%
OUTROS	18	26	26	31	101	44,4%	0,0%	19,2%
TOTAL	135	188	192	163	678	39,3%	2,1%	-15,1%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Mossoró vem apresentando, desde pelo menos 2006, uma dinâmica homicida crescente e constante. Sua taxa é o dobro da média nacional, ficando em cerca de 55 homicídios por 100 mil habitantes (2014). A desorganização social em vastas áreas pode ser também um dos aspectos a ser apontado. Outro elemento é a capacidade regulatória – em termos jurídicos e de controle policial (o que inclui investigação eficiente e punição dos “culpados”) – e de supervisão em certas áreas de alta incidência da violência que tem a ver com processos de mudança (estrutural e espacial) em sua composição populacional (BRANDÃO, 2014).

A espacialidade da dinâmica homicida de Mossoró mostra que os bairros mais afetados pela dinâmica homicida são aqueles com maior caracterização de segregação sócio espacial, ou seja, os periféricos: Santo Antônio, Abolição, Santa Delmira, Alto de São Manoel, Belo Horizonte, Aeroporto, Dom Jaime e Barrocas. Apresentam partes de população mais carente, além do perfil básico da vítima homicida, que segue o que ocorre no restante do Brasil: homens jovens, negros/pardos, moradores de periferias e com baixa escolaridade. A maior parte dos homicídios, não solucionados, são creditados ao “tráfico de drogas”. A maior parte tem perfil de execução ou vingança. Uma discrepância associada às características do município: a Zona Rural de Mossoró, apresenta altas taxas de CVLIs, por ser uma área gigantesca territorialmente (é o maior município em área geográfica do estado) e com pouca presença das políticas públicas em geral, assim como as de segurança (BRANDÃO, COSTA, 2015).

Parnamirim, terceira cidade em população do RN, conurbada no eixo Sul com Natal, tem boa parte de suas ocorrências de CVLIs correlatas com a sua dinâmica econômica, sua ampla urbanização periférica e o fato de ser quase que, uma cidade “dormitório”. Os Bairros de maior incidência de CVLIs são Bela Parnamirim e Passagem de Areia, ambos periféricos.

Chama a atenção o fato de que o Centro e Nova Parnamirim, áreas consideradas nobres, também apresentarem elevada incidência de CVLIS. No mais, a dinâmica homicida da outrora cidade “Trampolim da Vitória” (que sediou, entre 1952 e 1945 a mais importante base aérea dos Estados Unidos, The Parnamirim Field), acompanha a lógica já supracitada em Natal e em Mossoró.

Tabela 15: Taxa de CVLIS no RN por Bairros de Parnamirim (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE									
RANKING DE BAIROS DE PARNAMIRIM	PERÍODO					VARIÇÃO			
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015	
BELAPARNAMIRIM	10	11	16	18	55	10,0%	45,5%	12,5%	
PASSAGEMDEAREIA	12	12	14	13	51	0,0%	16,7%	-7,1%	
CENTROPARNAMIRIM	10	20	8	6	44	100,0%	-60,0%	-25,0%	
NOVAPARNAMIRIM	10	14	8	9	41	40,0%	-42,9%	12,5%	
MONTECASTELO	9	5	7	16	37	-44,4%	40,0%	128,6%	
EMALUS	6	9	9	9	33	50,0%	0,0%	0,0%	
ROSADOSVENTOS	5	5	10	9	29	0,0%	100,0%	-10,0%	
SANTOSREIS/PM	4	7	11	7	29	75,0%	57,1%	-36,4%	
NOVAESPERANCA	3	8	9	9	29	166,7%	12,5%	0,0%	
RIUM	8	7	4	2	21	-12,5%	-42,9%	-50,0%	
CAJUPIRANGA	8	7	3	2	20	-12,5%	-57,1%	-33,3%	
LIBERDADE	0	4	6	9	19	NA	50,0%	50,0%	
VALEDOSOL	2	5	6	5	18	150,0%	20,0%	-16,7%	
SANTA TEREZA	1	2	5	6	14	100,0%	150,0%	20,0%	
PARQUEDEEXPOSICAO	2	2	7	0	11	0,0%	250,0%	-100,0%	
OUTROS	5	8	15	15	43	60,0%	87,5%	0,0%	
TOTAL	95	126	138	135	494	32,6%	9,5%	-2,2%	

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Importante observar, ao mesmo tempo, a incidência de ocorrências em espaços não identificados pelos dados coletados, áreas não definidas, cuja variação tem diminuído drasticamente com o aumento do rigor metodológico.

Tabela 16: Taxa de CVLIS no RN por Bairros de Macaíba (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE									
RANKING DE BAIROS DE MACAÍBA	PERÍODO					VARIÇÃO			
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015	
CENTROMACAIBA	15	53	20	12	100	253,3%	-62,3%	-40,0%	
RURAL/MC	7	23	6	11	47	228,6%	-73,9%	83,3%	
MANGABEIRA	2	8	7	7	24	300,0%	-12,5%	0,0%	
Campo das Mangueiras	2	3	5	4	14	50,0%	66,7%	-20,0%	
FE DO GALO	2	0	4	5	11	-100,0%	NA	25,0%	
CANABRAVA	0	4	4	1	9	NA	0,0%	-75,0%	
GUARAPES/MC	0	2	4	1	7	NA	100,0%	-75,0%	
CAJAZEIRAS	2	2	1	1	6	0,0%	-50,0%	0,0%	
LOTBOAESPERANCA	0	1	3	2	6	NA	200,0%	-33,3%	
LAGOA GRANDE	0	1	3	2	6	NA	200,0%	-33,3%	
TRAIRAS	1	2	1	1	5	100,0%	-50,0%	0,0%	
MORADADA FE	0	1	0	3	4	NA	-100,0%	NA	
CENTRO INDUSTRIAL	0	3	1	0	4	NA	-66,7%	-100,0%	
ARACÁ/MC	0	0	1	2	3	NA	NA	100,0%	
CAMPINAS	0	0	2	1	3	NA	NA	-50,0%	
OUTROS	7	9	10	14	40	28,6%	11,1%	40,0%	
TOTAL	38	112	72	67	289	194,7%	-35,7%	-6,9%	

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Macaíba, assim como as demais cidades que mostramos neste estudo, apresenta boa parte de seus CVLIs concentrados no bairro central e nas áreas rurais. Embora localizada na Região Metropolitana de Natal, a cidade possui um nível de urbanização precário, assim como uma ampla periferia. Com uma das piores taxas proporcionais de mortes violentas, Macaíba tem também um dos piores níveis de educação e desenvolvimento humano do estado. A ausência de políticas públicas em geral também é um elemento marcante no município.

O município de São Gonçalo do Amarante, também da Região Metropolitana de Natal, possui características muito similares às condições de Macaíba, apresentando uma dinâmica também similar à Parnamirim. Integrado espacialmente com Natal pela Zona Norte, cujo limite é a Avenida Tomaz Landim, São Gonçalo é também hoje uma imensa cidade dormitório em crescimento. Unida com a Zona Norte da Capital, seria o maior município do RN com mais de 400 mil habitantes.

Tabela 17: Taxa de CVLIS no RN por Bairros de São Gonçalo (2012-2015)

RANKING DE BAIROS DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
GOLANDIM	7	5	14	16	42	-28,6%	180,0%	14,3%
JARDIM LOLA	5	9	9	8	31	80,0%	0,0%	-11,1%
NOVO SANTO ANTONIO	5	4	5	8	22	-20,0%	25,0%	60,0%
REGO MOLEIRO	6	3	2	4	15	-50,0%	-33,3%	100,0%
CENTRO SGA	2	3	4	6	15	50,0%	33,3%	50,0%
RURAL SGA	1	7	5	1	14	600,0%	-28,6%	-80,0%
CIDADE DAS FLORES	2	4	4	4	14	100,0%	0,0%	0,0%
NOVO AMARANTE	4	1	1	5	11	-75,0%	0,0%	400,0%
CJ AMARANTE	0	1	3	5	9	NA	200,0%	66,7%
BARBEIROS	0	3	3	3	9	NA	0,0%	0,0%
GUAJIRU	4	2	1	0	7	-50,0%	-50,0%	-100,0%
CJ PEJOAOMARIA	1	0	4	2	7	-100,0%	NA	-50,0%
GUANDUBA	1	1	0	3	5	0,0%	-100,0%	NA
SAMBURA	0	2	2	1	5	NA	0,0%	-50,0%
SERRINHA	0	1	2	2	5	NA	100,0%	0,0%
OUTROS	14	4	18	10	46	-71,4%	350,0%	-44,4%
TOTAL	52	50	77	78	257	-3,8%	54,0%	1,3%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Suas áreas mais violentas são os bairros de Golandim, Jardim Lola, Novo Santo Antônio e Rego Moleiro, todos periferias que se comunicam espacialmente com áreas de alto índice de CVLIs da Zona Norte de Natal, como Igapó e Nossa Senhora da Apresentação. Assim como Parnamirim e Macaíba (principalmente como esta), São Gonçalo do Amarante possui problemas estruturais de moradias, políticas públicas e desigualdade social.

6. Instrumentos da Morte

Os assim denominados “Instrumentos da Morte” são os meios utilizados pelos perpetradores das Conduas Violentas Letais Intencionais para viabilizarem seu intento. Como já estabelecido por metodologia internacional, apontamos aqui: arma de fogo, arma branca, objeto contundente, espancamento, asfixia mecânica provocada, carbonização, corto-contundente, perfuro-contundente, overdose forçada, envenenamento e eletroplessão. Também apontamos o “não identificado”, pois nos dados do DATA/SUS e nos demais bancos, a não identificação dos meios é extremamente significativa no RN, fruto da desestruturação da Política Científica no estado.

Tabela 18: Taxa de CVLIS no RN por Meio Empregado (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
MEIO OU INSTRUMENTO EMPREGADO	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
ARMA DE FOGO	1.023	1.411	1.514	1.403	5.351	37,9%	7,3%	-7,3%
ARMA BRANCA	134	160	152	161	607	19,4%	-5,0%	5,9%
OBJETO CONTUNDENTE	26	34	32	38	130	30,8%	-5,9%	18,8%
ESPANAMENTO	26	30	35	23	114	15,4%	16,7%	-34,3%
ASFIXIA MECÂNICA PROVOCADA	10	14	21	27	72	40,0%	50,0%	28,6%
NAO IDENTIFICADO	0	10	7	6	23	NA	-30,0%	-14,3%
CARBONIZACAO	1	4	9	3	17	300,0%	125,0%	-66,7%
CORTO CONTUNDENTE	2	3	1	2	8	50,0%	-66,7%	100,0%
FERRUDO CONTUNDENTE	2	0	0	4	6	-100,0%	NA	NA
OVERDOSE FORCADA	0	0	0	1	1	NA	NA	NA
EMENAVAMENTO	0	0	1	0	1	NA	NA	-100,0%
ELETROFLESAO	0	0	0	1	1	NA	NA	NA
TOTAL	1.224	1.666	1.772	1.669	6.331	36,1%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

O uso de arma de fogo como instrumento da morte no RN segue o padrão brasileiro e internacional. Mais de 90% das mortes violentas são perpetradas através do uso de arma de fogo, seguido por uso de arma branca. Apenas uma minoria estatística utiliza outros meios, a depender da motivação do crime. O controle de arma de fogo em voga, que é realizado pelas polícias, não parece ser suficiente – apenas – para a diminuição dos CVLIs. Ao contrário do que defendem os simpáticos à ampliação do uso de armas de fogo, os dados apontam que isso pode levar a um agudamento maior de mortes. A arma de fogo, ao contrário da arma branca ou do uso das mãos, permite um maior distanciamento no ato de matar. Não é à toa que é a arma usada por grupos de extermínio, pistoleiros, matadores de aluguel que, por sua vez, perfazem a ampla maioria dos homicídios registrados.

Tabela 19: Taxa de CVLIS no RN por Meio Auxiliar Empregado (2012-2015)

CVLI - CONDUTAS VIOLENTAS LETAIS INTENCIONAIS NO RIO GRANDE DO NORTE								
MEIO OU INSTRUMENTO AUXILIAR EMPREGADO	PERÍODO					VARIÇÃO		
	2012	2013	2014	2015	TOTAL	2012-2013	2013-2014	2014-2015
NÃO EMPREGADO	1.224	1.663	1.758	1.655	6.300	35,9%	5,7%	-5,9%
ARMA BRANCA	0	1	4	4	9	NA	300,0%	0,0%
CARBONIZACAO	0	0	6	3	9	NA	NA	-50,0%
OBJETO CONTUNDENTE	0	0	3	5	8	NA	NA	66,7%
ESPANAMENTO	0	2	1	2	5	NA	-50,0%	100,0%
TOTAL	1.224	1.666	1.772	1.669	6.331	36,1%	6,4%	-5,8%

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

As ações criminais, de acordo com seu tipo de ação letal empregado nas CVLIs, trazem informações que precisam ser tratados com maior consideração. O Homicídio, sendo a Execução Sumária como maior expoente, foi o tipo mais observado, correspondendo a quase 60% do total registrado. Seguido Desentendimento e contenda, Agressão Torpe, Lesão Corporal e da Ação Típica de Estado, representam a quase totalidades dos tipos ocorridos no período analisado. Ao contrário do que se divulga na mídia “especializada” e no senso comum estabelecido, o tráfico de drogas e os envolvimento relacionados a ele não são tipos significativos. Embora, obviamente, se credite (sem provas científicas) as execuções sumárias a este tipo de conduta criminal.

Tabela 20: Taxa de CVLIS dos Municípios no RN por Taxa CVLI por 100 Mil/Hab (2012-2015)

CVLI POR GRUPO DE 100 MIL HABITANTES										
RANKING DE MUNICÍPIOS	PERÍODO				TAXA DE CVLI POR 100 MIL HAB				VARIÇÃO MÉDIA	
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015		
1	EXTREMOZ	37	24	31	33	146,1	89,4	114,4	120,5	117,6
2	TIBAU	1	1	6	8	26,6	25,4	150,8	199,1	100,5
3	BARAÚNA	16	31	29	30	64,1	116,8	108,2	110,8	100,0
4	SAO JOSE DE MIPIBU	37	46	51	30	91,3	108,6	119,2	69,5	97,2
5	MACAIBA	38	112	72	67	53,0	147,3	93,7	86,4	95,1
6	JOAQUIM DIAS	2	4	0	4	76,9	150,3	0,0	147,3	93,6
7	UMARIZAL	9	7	17	5	85,0	65,1	156,5	45,6	88,0
8	JANDUIS	4	3	5	6	75,4	55,7	92,0	109,3	83,1
9	ANTONIO MARTINS	0	13	4	6	0,0	182,7	55,6	82,7	80,2
10	NISIA FLORESTA	19	22	15	24	77,5	84,8	57,2	90,7	77,6
11	SAO GONCALO DO AMARANTE	52	50	77	78	57,5	52,2	79,6	79,8	67,3
12	CEARÁ MIRIM	34	48	56	55	49,3	67,0	77,4	75,2	67,2
13	NATAL	453	584	590	506	55,4	68,4	68,4	58,1	62,6
14	MOSSORÓ	135	188	192	163	50,6	66,8	67,5	56,8	60,4
15	SERRA DO MEL	4	7	10	6	37,7	62,4	88,2	52,4	60,2
16	FRUTUOSO GOMES	3	2	2	3	71,8	47,5	47,0	69,8	59,0
17	LUORECIA	2	2	2	3	54,1	51,8	51,3	76,2	58,4
18	SERRINHA DOS PINTOS	2	3	5	1	43,7	63,5	104,7	20,7	58,2
19	BOM JESUS	3	3	8	8	31,4	30,2	79,7	78,9	55,0
20	ITAJÁ	2	1	5	8	28,4	13,7	67,6	107,1	54,2
21	PATU	6	10	9	2	49,7	79,9	71,2	15,7	54,1
22	PARNAMIRIM	96	126	138	135	44,8	53,9	58,5	56,6	53,5
23	CARUBAS	5	12	11	17	25,4	55,7	50,6	77,4	52,3
24	TRINFO POTIGUAR	0	2	1	4	0,0	59,7	29,5	117,0	51,5
25	PARAU	2	2	3	1	52,3	51,7	76,8	25,3	51,5
26	SANTA CRUZ	16	26	14	21	43,9	68,1	36,3	54,0	50,6
27	TIBAU DO SUL	4	3	11	7	33,5	23,3	84,5	53,2	48,6
28	ÁREA BRANCA	5	13	23	10	19,4	48,4	84,8	36,5	47,3
29	AREZ	2	4	9	11	15,2	29,1	64,7	78,3	46,8
30	JAPI	3	1	3	3	55,5	18,6	55,3	54,7	46,0

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

De todos os dados já apontados aqui, importa apontar também os dados a partir de sua proporcionalidade. Desta forma, a taxa é mostrada com a sua proporção de mortes por cada grupo de 100 mil habitantes. Como veremos abaixo, municípios pequenos como Extremoz ou Baraúna, apresentam taxas gigantescas.

Assim, como dissemos, Extremoz, na Região Metropolitana de Natal apresenta taxas em torno de 120 CVLIs por 100 mil/Hab, assim como Tibau e Baraúna (Mesorregião Oeste) com 199 a 110 CVLIs por 100 mil/Hab. São José de Mipibu e Macaíba ficam entre 95 e 97 CVLIs por 100 mil/Hab. Muitos municípios pequenos, embora com poucos CVLIs, apresentam taxas imensas, dada a proporcionalidade.

Natal, Mossoró e Parnamirim, porém, apresentam taxas alarmantes, praticamente dobrando a média nacional, que já é significativamente alta com taxas acima dos 50 e no entorno de 60 CVLIs por 100 mil/Hab. Lembramos que a média na Europa e Japão é de 01 CVLI por 100 mil/Hab e a média dos EUA no entorno de 8 CVLIs por 100 mil/Hab. A ONU considera qualquer taxa acima de 10 CVLIs por 100 mil/Hab como calamidade.

As taxas e variações de CVLIs muitas vezes podem destoar da realidade da frequência de mortes violentas que ocorrem se forem aplicadas sem critério técnico ou comparativo. Municípios pequenos, com algumas ocorrências, podem parecer mais violentos do que realmente o são de fato. Neste sentido, muitos institutos e pesquisadores tendem a desprezar cidades com menos de 50 mil habitantes. Mas, em nosso caso, necessário lembrar que 90% do Rio Grande do Norte possui esse perfil. Daí nosso esforço em esboçá-lo, como na tabela acima.

7. Indicadores da Segurança Pública

Dentre os problemas atuais do sistema de segurança pública, dois destaques nacionais seguem suas tendências de agravamento, sendo que apresentam seus determinantes no Rio Grande do Norte por não haver ações para evitar o contínuo crescimento do problema, são

eles: a vitimização e letalidade policial; e a criminalidade oriunda e relacionada com o sistema prisional (cuja consequência mais conhecida, fora do âmbito deste trabalho, foi o “Massacre de Alcaçuz” em 2017, que vitimou 27 apenados na Penitenciária de Alcaçuz, maior do RN).

No primeiro caso, desmembrando os dois indicadores, temos a vitimização policial que tem ocorrido tanto em serviço quanto fora de serviço, onde o policial é vítima da criminalidade que reage contra a ação policial, mas também é vítima fora do serviço, quando o policial reage a uma tentativa de roubo e/ou está em seu trabalho secundário, como segurança em lojas e estabelecimentos comerciais, e precisa reagir para manter seu trabalho.

Já a letalidade policial, que são as mortes causadas por policiais no exercício de sua função, que aqui tratamos como ação típica de estado, para evitar prejudicar o servidor da segurança pública, ficando a questão da determinação de culpa ou dolo a cargo do devido processo penal, é um assunto que sempre é tratado com certo receio pelas autoridades, que veem na finalização letal de uma ação policial justificativa para a morte, e não busca entender onde a própria gestão pública é culpada por incentivar esse tipo de ação balizada num falso protocolo de “tolerância zero” ou por suscetibilizar agentes de segurança à escalas de serviço incompatíveis com seus direitos ao descanso merecido, e ao trabalho com efetivo desgastado que não é renovado por concurso público desde 2005 (Polícia Militar) e desde 2009 (Polícia Civil).

No segundo caso, o fenômeno é resultado direto do descontrole do sistema carcerário, onde os apenados são apenas mantidos encarcerados na maioria das vezes em condições subumanas, o que escancara a incapacidade do sistema penal em “ressocializar” um criminoso e prepara-lo para ser reinserido na sociedade.

Ao transformar o sistema penitenciário num internato superlotado para formação e aprimoramento das capacidades criminosas (FOUCAULT, 2005), os efeitos são observados dentro e fora do sistema, com fugas em profusão, ações criminosas comandadas por detentos, que agora desquieta a todos, porque seus efeitos não se restringem mais ao âmbito interno das paredes dos presídios.

Além disso, os conflitos entre a sociedade civil e a polícia no Brasil, justamente pela falta de transparência dos dados na área da segurança, tem se agravado durante os anos, e justamente por se sombrear os números se leva a população a um falso conceito (reificado) da criminalidade (BRANDÃO, 2010) e do trabalho policial, que os quer como seus legítimos vingadores, mas os execram quando essa vingança os atinge. No Rio Grande do Norte não é possível deixar de perceber o aumento da letalidade policial em 2015, mesmo que a consideremos justificada em alguns eventos.

Tabela 21: Taxa de CVLIS no RN por Ações Típicas de Estado (2012-2015)

AÇÕES TÍPICAS DE ESTADO					
TIPO DE AÇÃO	PERÍODO				TOTAL QUADRIÊNIO
	2012	2013	2014	2015	
EM SERVIÇO					
CONFRONTO COM POLÍCIAS CIVIS	0	1	1	2	4
CONFRONTO COM POLÍCIAS MILITARES	21	31	68	74	194
TOTAL	21	32	69	76	198
FORA DE SERVIÇO	2012	2013	2014	2015	QUADRIÊNIO
CONFRONTO COM POLÍCIAS CIVIS	0	0	0	0	0
CONFRONTO COM POLÍCIAS MILITARES	0	3	10	2	15
TOTAL	0	3	10	2	15
TOTAL DE AÇÕES TÍPICAS DE ESTADO	21	35	79	78	213

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

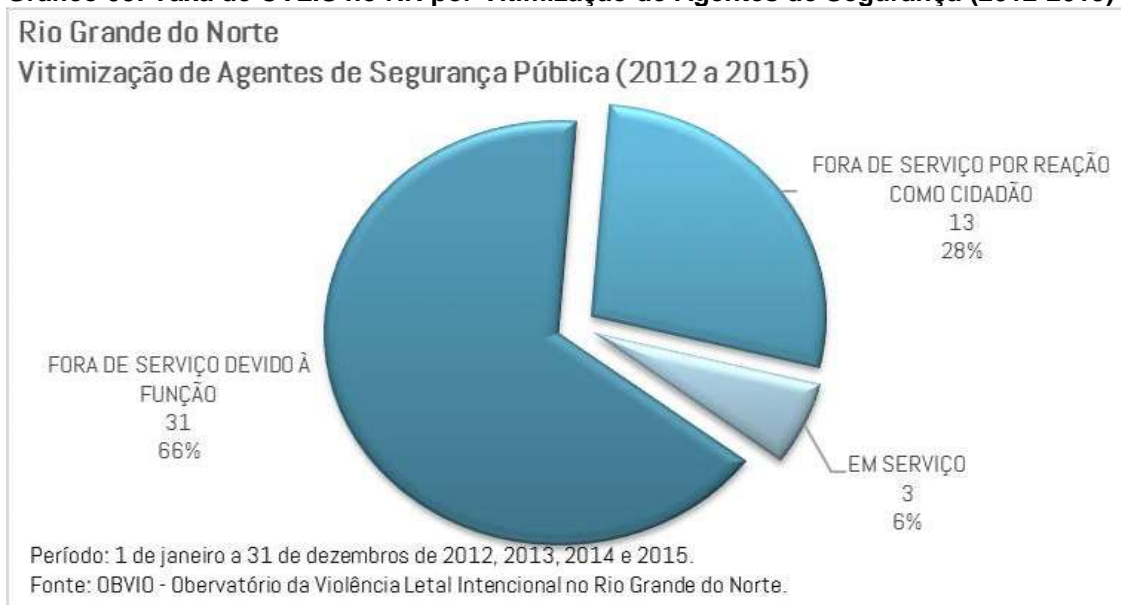
Tabela 22: Taxa de CVLIS no RN por Vitimização de Agentes de Segurança (2012-2015)

VITIMIZAÇÃO DE AGENTES DE SEGURANÇA PÚBLICA					
TIPO DE AÇÃO	PERÍODO				TOTAL QUADRIÊNIO
	2012	2013	2014	2015	
EM SERVIÇO					
POLICIAL CIVIL	1	0	0	0	1
POLICIAL MILITAR	2	0	0	0	2
TOTAL	3	0	0	0	3
FORA DE SERVIÇO (POR SER AGENTE DE SEG PUB)					
AGENTE PENITENCIÁRIO ESTADUAL	0	1	0	0	1
AGENTE PENITENCIÁRIO FEDERAL	2	0	0	0	2
GUARDA MUNICIPAL	1	0	2	0	3
POLICIAL CIVIL	2	0	0	0	2
POLICIAL MILITAR	8	6	2	1	17
POLICIAL MILITAR APOSENTADO	1	2	2	1	6
TOTAL	14	9	6	2	31
FORA DE SERVIÇO (POR REAÇÃO COMO CIDADÃO)					
AGENTE PENITENCIÁRIO ESTADUAL	0	1	0	0	1
GUARDA DE TRÂNSITO	0	0	0	1	1
POLICIAL CIVIL	0	0	1	1	2
POLICIAL CIVIL APOSENTADO	0	0	0	1	1
POLICIAL MILITAR	0	0	3	5	8
TOTAL	0	1	4	8	13
TOTAL DE VITIMIZAÇÃO DE AGENTES DE SEG PÚBLICA	17	10	10	10	47

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

As tabelas acima, que tratam das ações típicas de estado, demonstra um agravamento das ações policiais cujo resultado foi a morte do suspeito ou criminoso. São quatro anos de crescimento da letalidade policial, onde é perceptível que a Polícia Militar termina por ser a que mais vítima e é também, de outro lado, a mais vitimada. A PM é a polícia de ação ostensiva e a que possui maior presença em todas as regiões, embora encontra-se com seu efetivo com quase 40% de desfalque, segundo dados da própria instituição. Isso denota também como mostraremos abaixo, uma maior letalidade desses agentes de segurança.

Gráfico 05: Taxa de CVLIS no RN por Vitimização de Agentes de Segurança (2012-2015)



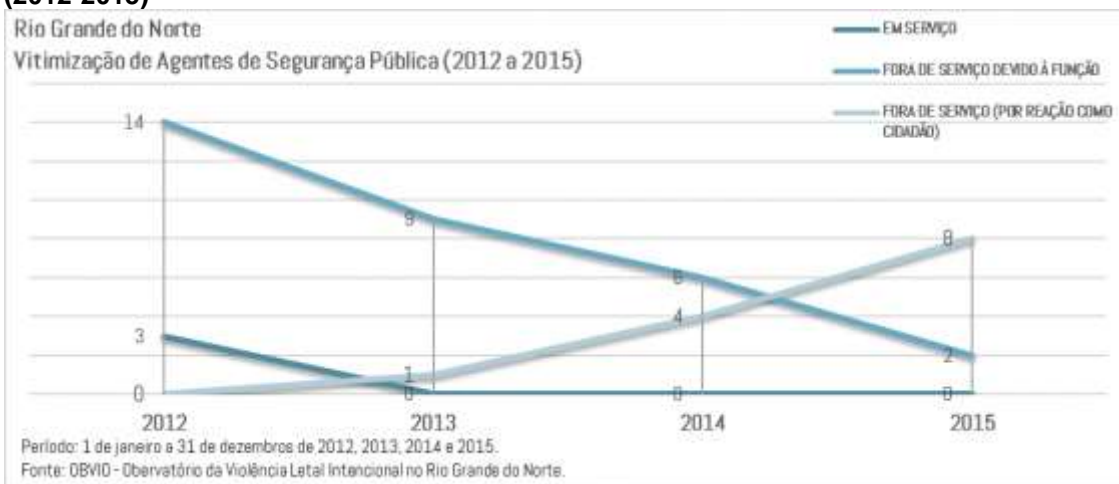
Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Observe-se também que a vitimização dos agentes de segurança pública tratadas nesse texto não se restringe somente a policiais civis e militares. É também importante destacar o fato de que a maioria das vítimas não foram assassinadas durante o serviço, e sim

durante as folgas, tendo sua letalidade relacionada em vários casos devido a sua reação diante de algum evento criminoso onde ela figurava como vítima, geralmente de violência patrimonial, saindo do binômio “polícia e ação” e se remetendo ao binômio “cidadão armado e reação”, onde se faz necessário um amadurecimento sobre o assunto para promover diálogos construtivos entre os operadores de segurança e os gestores públicos (GOMES, 2001).

A vitimização de agentes de segurança pública nesses quatro anos de pesquisa, corresponde a menos de 1% (0,74%) da mortalidade total do estado, e nesse mesmo contexto estatístico as ações típicas equivalem a menos de 4% (3,36%). Se houver um desnudar de vaidades institucionais e corporativismo visceral, haverá mais propensão ao entendimento desse microcosmo da violência homicida potiguar, e nesse processo o alcance de soluções.

Gráfico 06: Taxa de CVLIS no RN por Tipo de Vitimização de Agentes de Segurança (2012-2015)



Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

O segundo aspecto que tratamos é a letalidade que tem relação com o sistema de carcerário e/ou de privação de liberdade, numa abordagem que irá mostrar exatamente a grande capacidade de redução da criminalidade que as gestões deixam de buscar.

Extraímos informações de nossa pesquisa ao identificar mais similitudes de casos de 2012, 2013, 2014 e 2015, onde devemos ponderar, no entanto, que não havia grande capilaridade aos dados aferidos nos anos 2012 e 2013, mas a partir de 2014 e 2015 existem grandes meios de relacionar três grupos de vítimas relacionadas ao sistema de privação de liberdade: sendo aqueles que são internos, fugitivos e egressos do sistema prisional. Portanto, observemos que a tabela abaixo ainda pode não representar a totalidade dos anos anteriores, mas em 2014 e 2015 elas trazem o suficiente para mostrar a letalidade entre esses grupos, ou seja, das 3.442 vítimas registrada no biênio 2014-2015, temos pelo menos 177 relacionadas ao sistema prisional, quase 6% (5,14%) da mortalidade do Rio Grande do Norte nos dois anos melhor mapeados.

Tabela 23: Taxa de CVLIS no RN por Vitimização no Sistema Prisional (2012-2015)

TIPO DE ORIGEM DO SISTEMA DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	VITIMIZAÇÃO ORIUNDA DO SISTEMA DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE				TOTAL QUADRÊNIO
	2012	2013	2014	2015	
INTERNO	6	6	4	29	45
FUGITIVO	0	0	3	15	18
EGRESSO SEM OCUPAÇÃO	0	0	1	66	67
EGRESSO EXERCENDO TRABALHO	1	0	2	57	60
TOTAL	7	6	10	167	190

Fonte: Observatório da Violência do RN. Banco de Dados. 2016.

Sendo estritamente apegados aos números totais, isto é, tratando o quantitativo do quadriênio, teremos 3% do total dessa mortalidade, ainda assim um número significativo se levarmos em consideração a retroalimentação da violência que esses números representam. A vitimização de egressos, dos dois tipos, tem aumentado e sua tendência é o contínuo

crescimento, algo que denota que o descontrole do sistema prisional, embora de origens remotas, não está sendo tratado com a devida seriedade que o problema suscita.

Os motores geradores dessa violência – funcionais e estruturais – também ocorrentes nos presídios, impulsionam a criminalidade letal no interior e na capital do estado. Há uma violência nos presídios que produz dinâmicas externas, que já foi motivadora de motins e rebeliões, com mortes dentro e também fora dos presídios do RN (BRANDAO, 2015).

Sem conhecer suas causas, tanto o problema das ações típicas de estado, da vitimização policial e do sistema de privação de liberdade, só se consegue que eles persistam e se firmem mais ainda, continuando sem soluções adequadas que se arrastam há anos.

8. Considerações Finais

O presente artigo procurou lançar um olhar sobre a violência homicida que incidiu sobre o Estado do Rio Grande do Norte e sua população no período de 2012 a 2015. Os dados foram detalhados em vários aspectos quantitativos e, sobre estes, analisamos as perspectivas possíveis do quadro homicida no estado potiguar. Apontamos um crescendo contínuo da vitimologia homicida, aliado a um nocivo e perverso perfil que é estruturalmente excludente.

O perfil básico da vítima de condutas violentas letais intencionais (CVLIs) – a maior parte delas, homicídios – no RN é do sexo masculino, jovem, pardo e/ou negro, morador de periferia, com baixa escolaridade e vitimado por arma de fogo. Seguindo o padrão e perfil nacional, o Rio Grande do Norte destoa em pelo menos um aspecto: o aumento contínuo de mortes violentas de mulheres que, embora ainda seja estatisticamente marginal em relação às mortes de homens, já se configuram significativas e despontam como um dos maiores índices do Brasil.

Importante lembrar sempre que o Brasil vivencia, há pelo menos três décadas um duro cotidiano de riscos e incertezas. Nossa "modernidade tardia" caracterizar-se-ia pela reprodução estrutural da exclusão social e pela disseminação das violências, com a consequente ruptura de laços sociais e a exclusão de várias categorias sociais, como a juventude, uma das grandes vítimas desse processo.

Fundamental frisar que os jovens vivenciam um processo de transição para a vida adulta, cada vez mais tardio em nosso momento civilizatório, quando então sua agressividade (pulsão) tem o caráter positivo de habilitá-los a se autonomizarem e a ocuparem um lugar no espaço social. Isto posto, uma das características marcantes nos adolescentes atuais é a incerteza do emprego, assim como o exercício e a vivência da agressividade e da violência. Num mundo de incertezas e de fragmentações, a violência surge como discurso, deveras autônomo.

Os dados de homicídios das últimas três décadas mostram uma tendência de generalização da violência. Considerando todo o período estudado, houve um continuado aumento das mortes de jovens e adultos jovens, sobretudo do sexo masculino, por CVLIs. Há uma sobremortalidade masculina e juvenil.

Sociologicamente falando, a violência configura-se como forma de linguagem e como norma social para algumas categorias sociais, em contraposição às chamadas normas "civilizadas", pautadas pelo autocontrole e pelo controle social institucionalizado. No Brasil, sociedade em processo de "globalização", efetiva-se uma pluralidade de diferentes tipos de normas sociais, podendo-se ver aí uma simultaneidade de padrões de orientação da conduta muitas vezes divergentes e incompatíveis.

Desta forma, nos deparamos com uma forma de sociabilidade (ou anti?), a violência, que configura-se como um dispositivo de controle, aberto e contínuo. Ela seria a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro – indivíduo, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, um dilaceramento de sua cidadania, e configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea. Envolve também uma polivalente gama de dimensões materiais, corporais e simbólicas agindo de modo específico na coerção com dano que se efetiva.

A sociedade, de modo geral, não reconhece que o adolescente está em um processo de transição para a vida adulta, quando sua agressividade é necessária para ele encontrar um lugar no espaço social. Aos jovens, provavelmente, tem faltado esse reconhecimento por parte das instituições socializadoras: trata-se de salientar a quebra do sentido da escola como dispositivo de socialização para a vida e para o trabalho, bem como a necessidade de construir

o reconhecimento social dos jovens, pela afirmação de sua auto-estima e de seu prestígio social na sociedade.

Vivemos um verdadeiro "genocídio" juvenil: jovens, negros/pardos, pobres, com baixa escolaridade e moradores de periferias. O perfil pouco muda e se altera nessas três décadas. Da faixa de 16 a 24 anos, o grosso das vítimas vai se consumindo. Quanto aos perpetradores, este quase que também pode ser considerado o perfil. O problema é que nossos homicídios são poucos investigados. Quando o são, poucas investigações são exitosas. Temos um quadro de homicídios perpetrados pelo próprio Estado e seus agentes que é difícil de investigar. Esse vácuo analítico custa caro ao RN e ao seu futuro.

Necessário falar que o quadro esboçado pelos dados desse trabalho não são obra do presente, mas um contínuo de décadas de desinvestimento em áreas que são, tanto estruturantes para a sociedade, tais como educação, saúde, moradia, esporte, lazer, emprego e renda, como também em áreas significativas da chamada "segurança pública", tais como polícia, polícia criminal e perícia, justiça criminal e sistema prisional. No conjunto, o desamparo estatal contínuo legou a atual paisagem de catástrofe, com taxas de homicídios equivalentes a países em estado de guerra ou em guerra civil.

Esse mapeamento somente foi possível graças à metodologia metadados, que interpolou fontes estatísticas, com fontes qualitativas do Data/SUS e da própria pesquisa multifonte do OBVIO. Essa inovação estatística e metodológica permite um rigor de dados de quase 100% do universo estudado (CVLIs). O Observatório da Violência do RN procurou, de forma contínua e sem nenhum ganho econômico, deixar transparente os dados, as causas e os motores desse processo.

9. Bibliografia

ADORNO, Sérgio (2002). Exclusão socioeconômica e violência urbana. IN: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, no 8, p. 84-135, jul/dez.

ADORNO, Sérgio (1998). Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. IN: **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: USP, n. 10, p. 19-47, maio.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves, ET AL (2002). Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. In: **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 17(5): p. 1163-1171, set-out.

BRASIL (2018). **Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde**. Acessado em 09/07/2018. <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0>>.

BRANDÃO, Thadeu de Sousa (2010). O crime enquanto fenômeno reificado. **Revista Jures**. Natal, Vol. I, N. 1. p.117-136.

BRANDÃO, Thadeu de Sousa (2014). Violência homicida e velhos caminhos no País de Mossoró. IN: HERMES, Ivênio (Org.). **Torrentes de Insegurança**. Natal: Editora Clube de Autores, v. 1, p. 153-155.

BRANDÃO, Thadeu de Sousa (2015). Habitus precário e sociabilidade violenta: o caso da Penitenciária de Alcaçuz, RN. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. I, p. 104-116.

BRANDÃO, Thadeu de Sousa, COSTA, Jean Henrique (2015). Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró, RN, Brasil e sua relação com o turismo de eventos. IN: **Turydes**: Revista Turismo Y Desarrollo Local, Málaga, Vol. 08. N. 18 (Jun/Jul).

CASTRO, Mônica S. Monteiro de, ASSUNÇÃO, Renato M., DURANTE, Marcelo Ottoni (2003). Comparação de dados sobre homicídios entre dois sistemas de informação, Minas Gerais. **Revista de Saúde Pública**, n. 37(2), p. 168-76.

COSTA, Sérgio (2015). **CDP Apodi ganha novo pavilhão construído pelos próprios presos**: Obras de ampliação do Centro de Detenção duraram quase sete meses. 2015. Disponível em: <<http://portalbo.com/materia/CDP-Apodi-ganha-novo-pavilhao-construido-pelos-propri-os-presos>>. Publicado em: 04 fev. 2015; atualizado em: 04 fev.

FERREIRA, Valdeci (2016). **Método APAC: Sistematização de Processos**: Programa Novos Rumos. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.

FOUCAULT, Michel (2005). **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

GARLAND, David. **A cultura do controle**: crime e ordem social na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Revan,.

GOMES, Cláudio Pinheiro (2001). **Quem protege os protetores? A violação aos direitos dos promotores de direitos**. Artigo (Pós-Graduação) - Curso de Direito, Departamento de Especialização, Unesa - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.

HERMES, Ivenio (2014). **Metadados 2013: Análises da Violência Letal Intencional no Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Saraiva.

IBGE (2016). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acessado em 10/07/2018.

LIMA, Maria Luiza C. de, ET AL (2002). *Evolução de homicídios por área geográfica em Pernambuco entre 1980 e 1998*. In: **Revista Saúde Pública**, número 36(4), p. 462-9.

MINAYO, Maria Cecília de S (1994)., A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (supl. 1), p. 07-18.

NÓBREGA, José Maria (2009). *A queda da desigualdade de renda no Brasil e os homicídios na Região Nordeste*. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 98, Julho de 2009, Ano IX. p. 72-81.

OLIVEIRA, Nilson Vieira [Org.] (2002). **Insegurança Pública**: reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria.

PERES M., CARDIA N., MESQUITA NETO P., SANTOS P., ADORNO S. (2008). Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, Brasil. **Revista Panamenha de Salud Publica**; 23(4), p. 268–76.

PERES, M., SANTOS, Patrícia Carla (2005). Mortalidade por homicídios no Brasil na década de 90: o papel das armas de fogo. IN: **Revista de Saúde Pública**, São Paulo , n. 39(1), p. 58-66.

SOARES FILHO, A. ET AL (2007). Análise da mortalidade por homicídios no Brasil. IN: **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, 16 (1), p. 7-18.

SOARES, Gláucio Ary Dillon, MIRANDA, Dayse, BORGES, Dorian (2006). **As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

SOUZA, Ednilsa Ramos de (2005). *Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde*. In: **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1), p. 59-70.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza (2013). Sob Fogo Cruzado I: vitimização de policiais militares e civis brasileiros. IN: BUENO, Samira et al. **Anuário da Segurança Pública 2013**. São Paulo: FBSP. p. 112-118.

WASELFISZ, Julio Jacobo (2011). **Mapa da Violência 2011**: os jovens do Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça.

WASELFISZ, Julio Jacobo (2012). **Mapa da Violência 2012**: os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça.

WASELFISZ, Julio Jacobo (2013). **Mapa da Violência 2013**: mortes matadas por armas de fogo. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos; FLACSO: Rio de Janeiro.